

Como os gaúchos prevêem 1982

04 DEZ 1981

por Delmar Marques
de Porto Alegre

GAZETA MERCANTIL

O processo de readaptação da economia a uma nova conjuntura, compreendendo custos financeiros altos, inflação acentuada e demanda estabilizada em alguns setores, fornecerá os vetores determinantes nas decisões dos empresários no próximo exercício, concordaram industriais e banqueiros gaúchos reunidos, ontem, no "Programa de Projeção Econômica 82", promoção da ADVB-Porto Alegre. Um dos participantes, o presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, deu a tônica do pensamento empresarial: "O ajuste da economia nacional, em face do problema do petróleo, dos juros e da queda de consumo, prosseguirá pelos próximos dois ou três anos", estimou ele.

Na questão dos juros bancários, por exemplo, Johannpeter aposta na ma-

nutenção de uma política realista de custos: "Após anos de prática de distorção nos juros financeiros, chegamos a um conceito de juro real que deverá permanecer", acrescentou, ressaltando, porém, tratar-se de um prognóstico difícil diante dos fatores nacionais e internacionais capazes de influir nesse processo. Ao contrário do evento anterior, os empresários foram parcimoniosos em estimativas futuristas: "No mesmo evento, no ano passado, disse que deveríamos importar 300 mil toneladas de aço este ano e acabamos exportando igual quantidade porque o consumo interno caiu 40%", lembrou o presidente da Randon, Raul Randon.

A manutenção dos custos financeiros no atual patamar, efeito conjugado pela necessidade de o governo captar para executar os grandes projetos em andamento e subsidiar as exportações, possibilitou ao presi-

dente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), Sérgio Schapke, prever que, "em 1982, não deverão ocorrer ainda investimentos generalizados de maior expressão no parque industrial privado". Na sua opinião, o elevado custo das inversões, por empréstimos e financiamentos, impede maior destinação para ativos fixos, pela impossibilidade de remunerar a produção ao nível de satisfazer os compromissos assumidos.

Dentro do mesmo princípio, Johannpeter admite a hipótese de a mão-de-obra vir a ter utilização mais intensiva diante do encarecimento dos investimentos destinados à mecanização: "A relação do capital e mão-de-obra deve ser reexaminada em cada caso. Sempre julgamos que uma máquina nova pode substituir mão-de-obra com

(Continua na página 3)

GAZETA MERCANTIL

04 DEZ 1981

Econ. Brasil

Página 3

POLÍTICA ECONÔMICA

Como os gaúchos...

por Delmar Marques
de Porto Alegre
(Continuação da 1ª página)

economia, mas os custos financeiros devem ser analisados nesse contexto".

Ele conclamou os empresários, porém, a exercer pressão sobre o governo e políticos para que conceitos tributários socializantes sejam revistos. A concentração de recursos na iniciativa privada, na sua opinião, é fundamental para gerar investimentos capazes de proporcionar mais emprego e maior produção. "A empresa brasileira trabalha com índices de eficiência capazes de garantir a com-

petitividade de seu produto no mercado internacional. Agora, se pago sete dólares por tonelada de aço movimentada no porto de Rotterdam, por que tenho de pagar 21 dólares num porto brasileiro?", indagou.

O problema reveste-se de importância na medida em que o incremento das exportações, junto às políticas de substituição de derivados de petróleo e aumento da produção agrícola, colocasse como um dos parâmetros básicos do processo de readaptação da economia brasileira, como concordaram os empresários presentes ao evento. O presidente da Fundação Brasileira de Co-

mércio Exterior, Marcus Vinícius Pratini de Moraes, estima que o superávit de US\$ 1 bilhão projetado para o final deste ano deverá atingir entre US\$ 2,5 bilhões e US\$ 3 bilhões no próximo exercício, "quando se deverá manter uma taxa de câmbio muito próxima à correção monetária".

Ele prevê o crescimento do "draw-back", verde-amarelo, possibilitando ao industrial utilizar matérias-primas nacionais subsidiadas para que seus preços se equiparem à cotação internacional. Pratini de Moraes adianta o surgimento de acordos setoriais de exportação, com as associações

de classe administrando os "draw-back" verde-amarelos e "lobbies" profissionais. Garante, também, pelo crescimento do mercado de câmbio e das negociações das taxas de juros futuras, como forma de o empresário estabelecer garantias para suas exportações.

DIVERSIFICAÇÃO

Afirmando que a produção agrícola nacional deverá crescer no próximo ano, o presidente da Cotrijui, Ruben Ilgenfritz da Silva, ressaltou a necessidade de diversificação, melhor forma de o agricultor diluir os riscos de frustrações de safras ou má comercialização, segundo relato da repórter Jane Filipon. As exportações de frango, este ano da ordem de US\$ 320 milhões, preocupam, "pois a dependência do mercado internacional assusta, não só pela avicultura mas também pela produção do milho que foi grandemente estimulada nos últimos anos", considerou Ilgenfritz, ao lembrar que a França está subsidiando as exportações de frangos, ameaçando a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional.

O presidente da Samrig, Carlos Goidanich, admite a manutenção das exportações de soja no mesmo nível deste ano, em torno de US\$ 2,5 bilhões. Ele também defende a diversificação, com inclusão do tremoço, da colza e outros produtos, como alternativa diante da estabilização do mercado de subprodutos da soja. Já o ex-ministro da Agricultura, Luís Fernando Cirne Lima, mostra-se apreensivo com as perspectivas da pecuária bovina. "O clima de recessão mundial provocou a formação de grandes estoques

em países produtores, como Argentina, Uruguai, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul", afirmou ele, "e, como se isso não bastasse, o Mercado Comum Europeu está subsidiando em até 100% a exportação de carne bovina."

Prensado entre a queda de consumo e a retração industrial, o setor comercial considera tarefa inglória tentar definir o nível de demanda em 1982. O diretor-vice-presidente da Lojas Graziotin (45 casas), Gilson Graziotin, aposta, apenas, na redução no consumo de superfluos, uma tendência também manifestada pelos industriais. Assegura, contudo, "não significar uma redução no nível de aspiração dos consumidores, ao contrário, pois são sempre mais amplas que as reais possibilidades, conforme pesquisas que realizamos recentemente".

SUPERMERCADOS

O presidente da Associação Gaúcha de Supermercados, Pedro Zaffari, afirma que o lado lúdico do consumo foi substituído pela necessidade real. "O brasileiro perdeu a vergonha de pechinchar, fazer comparativo de preços e tirar cada vez mais partido dessa situação de vantagem", disse ele. Substituiu-se a compra de marcas consagradas pelo produto mais barato, adiantou, com o presidente da Associação Comercial de Porto Alegre, César Rogério Valente, responsabilizando diretamente a perda de poder aquisitivo da população. "De um lado, empresas encaminham-se para situação em vermelho e descapitalizadas; de outro, o desemprego, ficando evidenciada a necessidade de reavaliação do tipo de reajuste econômico em curso", concluiu.